

A FRASEOLOGIA NA OBRA DE DOMINGOS VIEIRA FILHO: espaço privilegiado para uma reflexão sobre a cultura e os valores de uma comunidade

Conceição de Maria de Araujo Ramos / UFMA

Este estudo tem suas raízes em um projeto mais amplo, intitulado *Dicionário Crítico da Obra de Domingos Vieira Filho*, que tem como seu principal objetivo levantar e organizar a produção científica escrita do pesquisador maranhense Domingos Vieira Filho sobre a cultura maranhense, com vistas à elaboração de um dicionário crítico sobre sua obra. O Projeto, desenvolvido no âmbito do Departamento de Letras da Universidade Federal do Maranhão, foi financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão – FAPEMA.

Neste estudo sobre a fraseologia na obra de Domingos Vieira Filho, objetiva-se focar a relação fraseologia/cultura, tendo como ponto de partida as obras *A linguagem popular do Maranhão* (1979) e *Folclore brasileiro: Maranhão* (1977), sem perder de vista que o tema *fraseologia* é complexo e que, em função da diversidade de enfoques, está longe de alcançar um consenso, seja no que diz respeito a seu objeto de estudo, seja no que concerne a seu estatuto – ramo da lexicologia ou da sintaxe, ou disciplina autônoma interdisciplinar. Para efeito deste trabalho, as unidades fraseológicas (UF), objeto de estudo da Fraseologia, são entendidas como:

(...) combinações de unidades léxicas, relativamente estáveis, com certo grau de idiomaticidade, formadas por duas ou mais palavras, que constituem a competência discursiva dos falantes (...), utilizadas convencionalmente em contextos precisos, com objetivos específicos, ainda que, muitas vezes de forma inconsciente. (MONTEIRO-PLANTIN, 2011, p. 250).

Seguindo essa perspectiva e comungando com a ideia de Houaiss (1980, p.2) de que “(...) a linguagem, e as línguas, uma língua, foram, são e serão sempre – enquanto existirem – um fato humano, o que necessariamente implica (...) duas categorias, a social e a cultural.”, assumiu-se o pressuposto de que as unidades fraseológicas, dada sua natureza linguística, estão indiscutivelmente inscritas no social e no cultural, e que são reveladoras das experiências cotidianas e dos valores da comunidade, razão por que a fixidez que as caracteriza permite adequação ao contexto e ao co-texto (flexão, variação estrutural...), desmotivações e remotivações (cf. VILELA, 2002).

Tendo estas ideias como pano de fundo, realizou-se um levantamento das unidades fraseológicas registradas por Domingos Vieira Filho nas duas obras selecionadas para este estudo, centrando-se a reflexão e a análise no papel que essas unidades desempenham no processo de percepção da *forma de estar no mundo* de uma comunidade. Nessas obras, em que o autor apresenta a recolha de amostras da linguagem popular maranhense, encontram-se registradas mais de cem unidades fraseológicas que, segundo

ele, eram ocorrentes ou ouvidas frequentemente no Maranhão da segunda metade do século XX.

Na impossibilidade de comentar todas as unidades fraseológicas recolhidas por Domingos Vieira Filho, fez-se uma seleção que possibilita evidenciar, no âmbito da comunidade maranhense de então, seu modo de ser e estar no mundo e perante a língua.

A título de ilustração, começa-se com uma unidade fraseológica que tem uma relação muito estreita com a história do Estado, como é o caso da UF *Deixar o barco rolar/correr pra Caxias* (variante *Deixar o pau correr pra Caxias*). Essa UF, em que há uma evidente “(...) Alusão às lutas pela independência do Maranhão e depois à Balaiada que conturbaram a cidade de Caxias [no interior do Estado].” (VIEIRA FILHO, 1977, p. 10), é empregada quando se quer deixar claro ao interlocutor que não se faz caso das coisas.

Ser ariri-de-festa é outra UF que retrata o Maranhão do passado. Usada para aludir à pessoa que não perde uma festa, que se faz presente em todos os lugares, essa UF encontra sua motivação na presença quase obrigatória da *palmeira de ariri* nas festas populares maranhenses. Era a palmeira de ariri que ornamentava, por exemplo, a então famosa e mais popular festa da cidade de São Luís – a Festa de Nossa Senhora dos Remédios, como se pode observar no folhetim escrito por João Francisco Lisboa, ao retratar a Festa dos Remédios de 1851 (LISBOA, 1992). Esse costume perdurou no Maranhão até que as palmeiras de ariri foram rareando em virtude dos desmatamentos desenfreados. Perdida a motivação inicial, essa UF se atualiza e se remotiva, ganhando a seguinte versão: *Ser arroz de festa* (variante *Ser rato de festa*). Vale lembrar que, no Maranhão, o arroz é o complemento de todos os pratos e que a forte presença do arroz na culinária maranhense deu origem ao apelido *papa-arroz*, atribuído aos maranhenses pelos piauienses (cf. MOTA, 1976).

A *lexia curica* – que no Maranhão tem, entre outras acepções, a de pequeno papagaio de papel construído com talas de pindova ou de buriti que se empina no vento por meio de uma linha, brinquedo predileto das crianças maranhenses – entrou na composição da UF *Empinar a curica*, que é formada por meio de um processo de metaforização. Essa UF, que era usada com o significado de *melhorar desituação, prosperar, vencer navida*, é, atualmente, pouco conhecida entre a geração que tem menos de 20 anos, já que a *curica* não é mais a predileção das crianças maranhenses, principalmente daquelas que vivem na zona urbana e que sofrem a pressão dos jogos eletrônicos e das transformações do ambiente urbano.

Assim meu boi não dança é mais uma UF que tem uma forte ligação com a cultura maranhense, pois faz uma alusão direta a uma das maiores manifestações culturais do Estado – o auto do bumba-meu-boi. Equivale à expressão *desse jeito não vai*.

Do mesmo modo que *empinar a curica*, *tirar o seloé* mais uma UF que reflete claramente os hábitos e costumes vigentes em um dado momento da sociedade e que, em razão da mudança desses hábitos e costumes, é superada e tende a desaparecer. Com novos cortes de cabelo, principalmente ao estilo dos cantores e dos astros do futebol, não se costuma mais encontrar meninos de quem se possa *tirar o selo*, já que essa UF era usada com o significado de *dar uma bisca na cabeça dos meninos que cortavam o cabelo a escovinha*.

A UF *não ser mais suficiente*, que era usada para aludir à mulher jovem que não era mais virgem, é uma prova cabal de que “(...) A história de um povo está gravada na memória da língua.” (VILELA, 2002, p. 373). É justamente a língua que espelha e, portanto, dá a conhecer os padrões e as normas morais da sociedade. É por meio da língua que se toma conhecimento do lugar da mulher na sociedade e das normas de comportamento que lhe são impostas. Se em uma sociedade machista a virgindade é considerada uma virtude, torna-se fácil de entender composição desta UF. Anegação que abre a expressão incide sobre a acepção com que foi empregado o adjetivo *suficiente* – capaz, apto, hábil – e expressa, na medida exata, o preconceito contra a mulher considerada desvirtuosa: ela não mais satisfaz as condições, logo é *insuficiente*, para ser esposa, mãe, companheira.

A amostra apresentada evidencia que, como outros elementos do léxico, as unidades fraseológicas guardam a memória linguístico-cultural dos grupos sociais que as empregam, constituindo-se, portanto, em um importantíssimo veículo de identidade e de cultura. Por meio das UF comentadas, consegue-se delinear o perfil da sociedade maranhense com seus valores, suas experiências cotidianas, sua história, seu colorido local. Por essa razão, considera-se a fraseologia como um espaço privilegiado para uma reflexão sobre a cultura e os valores de uma comunidade.

REFERÊNCIAS

- HOUAISS, Antônio. Sócio- e etnolinguística. In: CONGRESSO NACIONAL DE SÓCIO- E ETNOLINGUÍSTICA, 2., 1980, Niterói. mimeo.
- LISBOA, João Francisco. *A festa de Nossa Senhora dos Remédios*. São Luís: Legenda, 1992.
- MONTEIRO-PLANTIN, Rosimeire. Gastronomismos linguísticos: um olhar sobre fraseologia e cultura. In: ORTIZ, Alvarez, Maria Luisa; UNTERBAUMEN, Enrique Huelva. (Orgs.). Um (re)visão da teoria e da pesquisa fraseológicas. Campinas: Pontes Editores, 2011, p. 249-275.
- MOTA, Leonardo. *Sertão alegre*. 4. ed. Rio de Janeiro: Cátedra, 1976.
- VIEIRA FILHO, Domingos. *Folclore brasileiro: Maranhão*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Departamento de Assuntos Culturais, Fundação Nacional de Arte, 1977.
- _____. *A linguagem popular do Maranhão*. 3. ed.amp. São Luís, 1979.
- VILELA, Mário. *Metáforas do nosso tempo*. Coimbra: Almedina, 2002.